

# Conserta-se arte

**Restauradores** e instituições enfrentam diariamente o **dilema** de conservar obras **contemporâneas** feitas de materiais **excêntricos** e complexos. **• PÁG. 6**



VALÉRIA GONÇALVES/AE

**PROFISSÃO:**  
**SALVADOR DE OBRAS** – O restaurador Stephan Schäfer cuida de peças do século 17 até as recentes

## Visuais Restauro:

## Eles pintam e bordam, mas quem conserva?

Profissionais debatem alternativas para perpetuar as 'excentricidades' da arte

### Camila Molina

O mundo da arte contemporânea está dividido em dois: há obras repetíveis, que podem ser refeitas para serem conservadas, e as 'irrepetíveis', que, pela complexidade ou efemeridade de materiais, terão prazo de vida. Para esse último caso, ficaria a simples expressão "perdeu, perdeu"? Ninguém quer mesmo preservá-las?

O artista Nuno Ramos, que tem trabalhos feitos com vaselina, petróleo, refrigerante, breu, areia socada, sabão, fala "com muita dor" sobre essa questão. "A Mira (Schendel, artista) me dizia que admirava muito minha coragem de fazer obra efêmera, mas eu falava pra ela que não fazia obra efêmera nada, detesto a efemeridade. Meus quadros de vaselina, quando derretiam, para mim era um sofrimento horrível, queria que eles ficassem como eu os fiz", diz Nuno, lembrando que na Bienal de São Paulo de 1989 virou notícia o 'incidente' com suas pinturas que pingavam na mostra. "Acho que o artista tem de fazer o que lhe vier à cabeça e depois se resolve." Ok, mas como se resolve?

Restauradores, conservadores, artistas, diretores de museus, enfim, pensam nessa pergunta que vem martelando desde o século 20 e que se intensificou impulsionada pelo boom do mercado de arte contemporânea, a partir dos anos 2000, quando obras adquiriram preços estratosféricos. Nuno Ramos mesmo, "pra falar de um modo mais cínico", ainda arreata: "Se meu quadro valesse US\$ 2 milhões, claro que alguém conservaria a vaselina da melhor forma possível."

As instituições brasileiras, com competentes profissionais, mas com poucos recursos – algumas têm ateliê dentro de seu próprio espaço físico, como a Pinacoteca do Estado, outras, terceirizam o trabalho, como o Museu de Arte Moderna (MAM) de São Paulo –, estão preparadas para lidar com o restauro e a conservação da arte contemporânea e moderna? Novamente uma questão em dicotomia: profissionais de um lado acreditam que sim e, de outro, que o Brasil ainda caminha neste campo – a profissão ainda está em via de regulamentação por lei e são poucos os cursos de graduação universitária.

"Para restaurar uma obra antiga, temos 600 anos de conhecimento de seus materiais (verniz, tinta a óleo), porque, até o final do século 19, os artistas seguiram uma prática bastante consistente, a partir das mesmas regras. Chegando na época moderna, o que temos? Materiais desconhecidos e bem pouca experiência", diz o restaurador e conservador Stephan Schäfer, alemão que vive no Brasil há 12 anos, com vasta formação. Ele se dedica ao trabalho tanto de peças antigas, como modernas e contemporâneas. Em seu ateliê, no Jardim Paulistano, quando o Estado o entrevistou, trabalhava, ao mesmo tempo, em: duas telas de Alfredo Volpi que sofreram incêndio (mas essa técnica remonta ao século 12, como Schäfer diz); uma tela de José Roberto Aguiar, de 1971, em que o artista usou spray; um relevo em madeira de Sergio Camargo, de 1964 (totalmente repintado por outros restauradores e limpo agora pelo restaurador com carvão de péssimo qualidade) e um quadro do século 17. "Por exemplo, as tintas acríli-

cas e vinílicas surgiram a partir dos anos 1940 e 1950, portanto, só temos 60 anos de conhecimento desses materiais", continua Schäfer. Em julho, ele, que integra o grupo CIMCA (Conservation Issues in Modern and Contemporary Art), formado por especialistas e ouvintes convocados pelo Getty Institute da Califórnia em colaboração com o MoMA de Nova York, participou de encontro nos EUA que teve como tema métodos eficazes de limpeza de tintas.

Na arte contemporânea, depois do movimento dadaísta, há um vale-tudo de materiais, muitos deles incompatíveis entre si. E há ainda o fato de que as técnicas e os produtos são inovados a cada minuto. "É como na medicina", diz Schäfer, citando já serem abominadas certas práticas, como o excesso de repinte. "Restauro de pintura já é tradicional e simples, mas há instalações e obras contemporâneas em que artistas não estão preocupados com perenidade e isso é problema", diz o marchand Jones Bergamin, diretor da Bolsa de Arte. Sem se prender ao campo das criações efêmeras (uma referência iminente são as do alemão Joseph Beuys), Bergamin cita de imediato como exemplos as obras de lâ-



KONSTANTIN CHERNICHKIN/REUTERS

## Frases

"Para restaurar uma obra antiga, temos 600 anos de conhecimento de seus materiais, como a tinta a óleo ou, mais ainda, a têmpera, mas chegando à época moderna, o que temos? Materiais desconhecidos e bem pouca experiência."

STEPHAN SCHÄFER  
RESTAURADOR-CONSERVADOR

"Se o meu quadro de vaselina valesse US\$ 2 milhões, alguém ia conservar aquela obra feita de vaselina da melhor forma possível."

NUNO RAMOS  
ARTISTA

"A postura que temos é de respeitar ao máximo a intenção do artista e fazer a intervenção mínima."

DENISE DE OLIVEIRA  
GUILLEMETI  
RESTAURADORA-CONSERVADORA

"Restauro de pintura já é algo tradicional e simples, tem remédio, mas há instalações e outras obras contemporâneas em que os artistas não estão preocupados com perenidade e isso é problema."

JONES BERGAMIN  
DIRETOR DA BOLSA DE ARTE



MARCELO JIMENEZ/AE

padas fluorescentes do americano Dan Flavin – "a fábrica que as fazia mudou o formato delas e isso gerou polêmica", diz – ou as do britânico Damien Hirst, com seus tubarões em formal e outras excentricidades. "No campo da fotografia, já existem laboratórios nos EUA ou a Fundação Robert Mapplethorpe, que guardam imagens digitalizadas para que, se ocorrer algo com a obra, o colecionador possa ter às mãos outra impressão. Essa é uma prevenção."

Essa atitude mais direta para prevenir o fim de uma obra contemporânea é recorrer ao próprio artista, pedindo a ele documentação dos materiais usados e soluções para possíveis substituições em caso de perda. "Temos de respeitar ao máximo a intenção do artista e fazer a intervenção mínima", diz Denise de Oliveira Guillemeti, que integra a Associação Brasileira de Conservadores-Restauradores de Bens Culturais (Abracor). O MAM de São Paulo tem a prática de entrevistar os autores das obras que entram para sua coleção por mais de uma vez, como diz Ana Paula dos Santos, coordenadora de acervo. "Estou atrasada, mas pretendo fazer documentação de minhas obras e projetos nos próximos anos", diz Nuno Ramos. •



SEBASTIAO MOREIRA/AE – 27/09/2001



TONICA CHAGAS/AE

**EM AÇÃO** – O restaurador conservador alemão Stephan Schäfer com uma pintura antiga, "fácil" de restaurar; ao lado, obra de Elisa Bracher do Jardim de Esculturas do MAM, atacada por cupim



VALÉRIA GONÇALVES/AE

**OS ARTISTAS E SEUS MATERIAIS** – No alto, o britânico Damien Hirst e uma de suas criações com animais; ao lado, escultura de lâmpadas do americano Dan Flavin; e, à esquerda, Nuno Ramos em seu ateliê